

# Novos Rumos da Literatura Brasileira

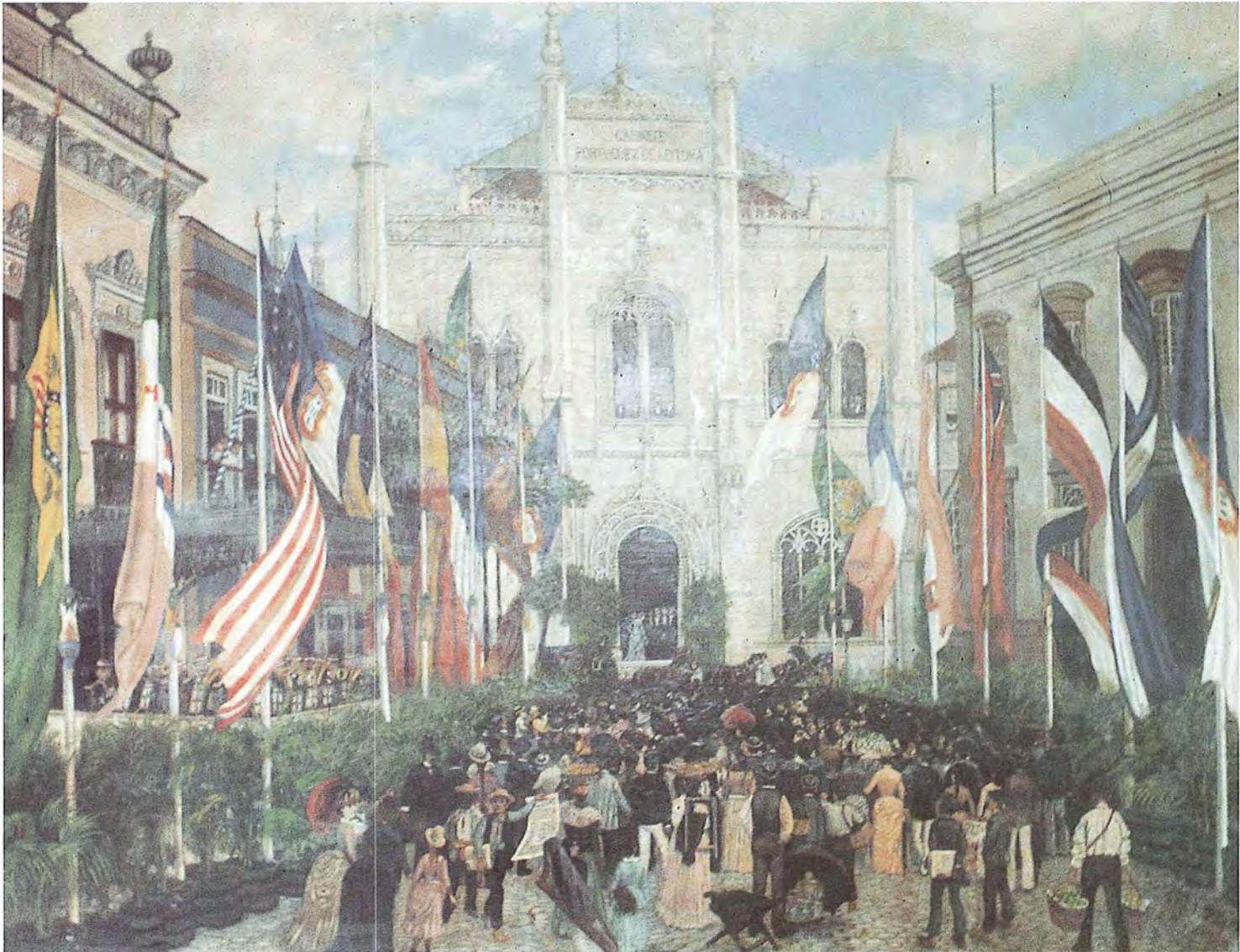
*Jorge Henrique Bastos*

APÓS O PERÍODO DE ABERTURA POLÍTICA QUE SE cumprira nos anos 80, no Brasil, as artes em geral, e particularmente a literatura, seguiram linhas de actuação que consolidaram o edifício cultural brasileiro. Os efeitos das sequelas deixadas pelos anos de censura e repressão política das décadas anteriores ficaram visíveis no universo de muitos autores que cultivaram tal filão.

As premissas expostas ergueram fronteiras palpáveis e conjunturas formais óbvias, embora a singularidade de outros escritores que atravessaram o período se tenha mantido distante de tais evidências. Uma das primeiras tentativas de diagnosticar a situação que até então se desenvolvia, fora feita pelo crítico Silviano Santiago no texto “Prosa Literária Atual no Brasil”. Estávamos em 89, e os balanços de época surgem nestes momentos residuais. Conforme afirmara: *“Se existe um ponto de acordo entre a maioria dos nossos prosadores hoje, este é a tendência ao memorialismo (história de clãs) ou à autobiografia, tendo ambos como fim a consciencialização política do leitor”*.

As ocorrências detectadas pelo crítico e romancista são alguns dos pressupostos a assinalar o nível de expressão heterogéneo da literatura brasileira, ajudando-nos a perceber o momento histórico e literário a influir apenas num território específico, sem funcionar como característica generalizadora. Passados dez anos, é possível analisar as vias instituídas e os objectivos palmilhados pela renovação literária imposta pelos autores que despontaram no período actual.

Se anteriormente a consciencialização e a reflexão ideológica demarcaram os limites, acompanhados pela alegorização e o resgate de uma realidade activa como cenário destes princípios, no presente momento as tendências adensaram-se estilisticamente, seguindo caminhos opostos aos dos companheiros das gerações anteriores. O ascender de uma escrita voltada para si mesma a inquirir e criar a partir do



Inauguração do edifício sede do Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, 1887. Óleo sobre tela de A. Steckel.

jogo ficcional, começa gradualmente a transpor os exercícios literários embebidos de abrangência histórica e social. Os autores que prosseguiram com os seus projectos, e aqueles que foram lançados durante esta década, assumiram registos inconfundíveis cuja ressonância conquistou espaço e o respeito da crítica.

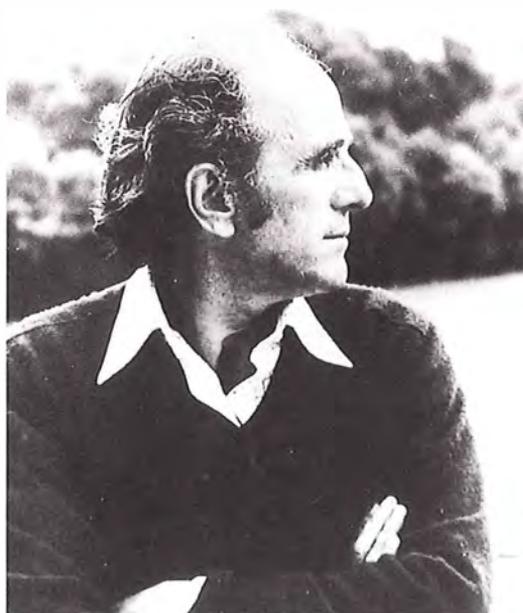
A rigor, as transformações características do período foram aglutinadas tanto pela prosa como pela poesia, como se os graus instaurados pelas directivas literárias assumidas projectassem o seu raio de influência sobre todas as coisas. Genericamente, a poesia brasileira que assomara à ribalta na década de 90 acabou por

revelar poucos talentos dignos das gerações de há 40 anos atrás. Neste sentido, a poesia parece dar seguimento a processos residuais ligados a movimentos como o concretismo, à poesia da década de 70, ou a insinuar meneios inspirados na veia depurativa de um João Cabral de Melo Neto. Contudo, procurar generalizar é incorrer no erro perigoso, torna-se imperativo sondar as obras com maior projecção e capacidades promissoras. Novos talentos existem em ambos os territórios a operar isoladamente com voz própria e uma singular expressividade imaginativa.

Com um percurso já firmado, muitos autores deram continuidade aos seus projectos e viram crescer o respeito pelas suas obras, em alguns casos, a ampliar a unanimidade da crítica e do público. Autores como Raduan Nassar, Haroldo Maranhão, Rubem Fonseca e Moacyr Scliar são figuras marcantes que continuam a causar surpresas.

Raduan Nassar deixou de escrever há mais de vinte anos, mas a amplitude alcançada pelos dois livros que escreveu — *Lavoura Arcaica* de 75, e *Um Copo de Cólera* de 84 — bastaram para provocar o impacto jamais esquecido. A revolução instituída pelo autor só pode ser explicada à luz de um facto imponderável: Raduan Nassar praticou uma operação incisiva no corpo da linguagem. Por este facto, estes dois livros transitam numa esfera alheia às facilidades lineares da ficção. Foi publicado em 97 o pequeno livro *Menina ao Lado*, que reúne contos esparsos publicados pela primeira vez em conjunto. Os leitores obtiveram a confirmação do talento e do estilo insuperável do autor.

A arrebatar o público e a crítica com um poder abrangente, Rubem Fonseca prosseguiu na linha que o celebrizou, além de ter feito algumas mudanças temáticas. Só nesta década publicou *Agosto* em 90, *Romance Negro e outras*



Rubem Fonseca é considerado o autor fundamental para a reformulação do género policial através da violência retirada do quotidiano brasileiro, mais especificamente do Rio de Janeiro.

*histórias* em 92, *O Selvagem da Ópera* em 94. É considerado o autor fundamental para a reformulação do género policial através da violência retirada do quotidiano brasileiro, mais especificamente do Rio de Janeiro. As referências ao cinema e à literatura em si são utilizadas continuamente no desenvolvimento dos personagens. Desde *A Grande Arte* de 83, e *Bufo e Spallazani* de 86, não voltou a permear o nível conquistado por estas obras. Acabou por enveredar pelo romance histórico — caso de *Agosto* — e o biográfico — caso de *O Selvagem da Ópera* —, ou a mesclar o estilo. O resultado não é muito estimulante pois ficou aquém das primeiras criações. Mesmo assim Rubem Fonseca parece estar à procura de uma saída que supere as fronteiras usuais. Contudo, a sua marca pessoal inspirou inúmeros sectários, e alguns dos novos autores reivindicam a sua paternidade.

Haroldo Maranhão faz parte da categoria de autores a explorar dicções exclusivas, com um

profundo sentido imaginativo e lucidez literária. Dois livros fundamentais deste autor justapõem-se em pólos estilísticos para resumir o processo vertiginoso da sua obra.

Em 1980 surgira o magnífico *Tetraneto del-Rei* (já publicado em Portugal), exemplo de intertextualidade histórica e literária onde o autor pratica um lance ambicioso. Recuperando toda uma bateria de temas, estilos, referenciais, factos e autores da literatura luso-brasileira, o autor mune-se com o pendor picaresco, a glosar e desconstruir tais aspectos. Haroldo Maranhão colmatou um estilo multifacetado que põe em xeque os desígnios literários ao reescrever a vida e os amores de Jerónimo de Albuquerque. A façanha transforma-se assim numa verdadeira ousadia difícil de igualar. Mas Haroldo Mara-

nhão não se contentara com a incursão transgressora, e dez anos depois lançou *Cabelos no Coração*, outra odisseia linguística transhistórica, misturando as expressões da literatura luso-brasileira para transgredir o discurso. Inspirado na vida de um intelectual de Belém do Pará — Felipe Patroni —, o autor recria imagens e pensamentos de uma época eivada de transformações políticas e históricas impressas num imaginário dos mais estimulantes que a literatura brasileira já viu nascer.

Com estes dois livros, o autor sagrou-se mestre inconfundível, detentor de um sarcasmo peculiar, e da paródia inteligente, abrindo as portas à experimentação romanesca necessária ao desenvolvimento da literatura.

Nascido em Porto Alegre em 1937, Moacyr Scliar é outro autor a trabalhar um universo curioso. Descendente de judeus russos, divide a literatura com a medicina. Estreara-se em 62 com um pequeno livro de contos, mas foi *O Carnaval dos Animais* que o projectou nacionalmente. Escreveu cerca de trinta livros nas três décadas de vida literária do autor, e foi traduzido em várias línguas. É um subtil e irónico contista, cultiva o humor corrosivo impresso na sintaxe maleável dos seus livros, sem propor altos voos. Hábil reestruturador das fábulas bíblicas, e um atento inquiridor da vivência do povo judeu, são motivações que demarcam os pontos cardeais da sua obra. Creio que a sua melhor obra, até hoje, é sem dúvida *O Centauro no Jardim* — desde este livro não voltou a criar uma obra capaz de ombrear com esta.



Descendente de judeus russos e dividindo a literatura com a medicina, Moacyr Scliar é um subtil e irónico contista. Hábil reestruturador das fábulas bíblicas, e um atento inquiridor da vivência do povo judeu, são motivações que demarcam os pontos cardeais da sua obra.

moacyr scliar

A ORELHA DE  
VAN GOGH



  
Pergaminho

A profunda heterogeneidade já assinalada é uma das categorias essenciais da literatura brasileira, aquilo que melhor representa os cambiantes estilísticos das suas representações simultâneas. No caldeiro de expressões em ebulição, são muitos os valores que se perdem, e os equí-

vocos consagrados. Contudo, é justamente deste carnaval criativo que toda a literatura necessita para o seu aperfeiçoamento, e o embate de propostas; só assim as linhas processuais conseguem revelar as verdadeiras expressões. Daí a importância de uma triagem inicial, separando o trigo do joio para que as potenciais vozes imaginativas possam chegar ao seu destino.

Dizer que na década de 90 a ficção brasileira viu brotar autores que acabaram por dominar o panorama literário, é unanimemente repetido por vários críticos. A diversidade dos estilos é um factor primacial a nortear o direccionamento seguido, e, talvez, o mais importante carácter interno a encorpar a expressão literária.

O que pode unir nomes tão distintos como Marilene Felinto, Vicente Cecim, Patrícia Melo, Carlos Nascimento Silva, ou Bernardo Carvalho? Creio que a procura de uma dicção singular assumida por cada autor é o que mais se evidencia. O conjunto das vozes não sintetiza a situação actual, na verdade provoca a cisão interior da expressividade, fragmentando-a, e em simultâneo, consolida a realidade traduzida individualmente.

Entre os autores com maior projecção, está Marilene Felinto. Nascida no Recife em 57, publicara o primeiro romance, *As Mulheres de Tijucoapo*, em 82. Seguiram-se *O Lago Encantado de Grongonzo* de 87, e os contos de *Postcard* em 91. Só nos últimos anos tem obtido a atenção da crítica.

Escavando o solo de temáticas sensíveis, ela adensa a linguagem através de um estilo contido. A busca de respostas que expliquem um pouco a angústia humana e os reflexos na realidade, resumem a textura da sua escrita. Sem se exceder no sentimentalismo rasteiro, a autora desperta o lirismo atento e auto-reflexivo. Por isso as personagens femininas são ao mesmo tempo brandas e desesperadas, errantes eapai-

## Postcard



CONTOS DE  
MARILENE FELINTO

ILUMINURAS

Marilene Felinto é um dos autores com maior projecção no panorama literário brasileiro da actualidade. A busca de respostas que expliquem um pouco a angústia humana e os reflexos na realidade, resumem a textura da sua escrita.



xonadas, como se a realidade marcasse a fundo com o símbolo trágico do exílio pessoal.

Distante deste universo, Patrícia Melo estreou-se em 94 com *Acqua toffana*, todavia a notoriedade chegou em 95 com a publicação de *O Matador*. É inevitável aproximá-la do romance policial, embora a autora tenha afirmado em entrevistas que isso era um mero acaso. De facto, a tendência para a intriga, a violência, o mistério são desígnios basilares que ela convoca nas suas páginas. Tais aspectos são trabalhados sem volteios estilísticos; Patrícia Melo sabe como contar uma história, desenvolvê-la com pertinência, a açular a curiosidade do leitor. No último livro, *Elogio da Mentira*, regressou aos seus temas originais, mas a lançar críticas corrosivas contra o

oportunismo e a falta de ética de um escritor de obras policiais que se torna um sucesso de vendas ao explorar o filão do esoterismo.

Há uma ténue contiguidade entre a autora e Bernardo Carvalho — ambos se estreataram quase na mesma época —, sobretudo ao encontrarmos um tratamento dado ao género policial. Dir-se-ia que Carvalho pratica-o tendo em vista as lições de Borges, enquanto Patrícia Melo as de Rubem Fonseca. As aproximações acabam aqui: Bernardo Carvalho segue o caminho que sempre palmilhou. Nascido no Rio de Janeiro em 1960, vive actualmente em São Paulo, onde trabalha como jornalista. Publicou *Aberração* em 93, um conjunto de contos que exploram áreas como o fantástico, o hiper-realismo e o policial. O seu discurso desenvolve-se através da intrincada reorganização conceptual da ficção, como se estivesse a jogar com os dados dos géneros literários. A sua visão esquadrinha os referenciais urbanos, a bizarria e a violência do quotidiano, sem descurar do equilíbrio ficcional que caracteriza a sua forma explícita de escrever.

A primeira obra de Carlos Nascimento Silva, o alentado romance *A Casa da Palma* de 96, expôs uma voz com um fôlego notável. O romance passa-se no século XVIII, apresenta-se como um amplo cenário a recriar as envolvências históricas de um Brasil em formação. A narrativa orbita em torno da grande senhora portuguesa da Casa da Palma; com um cuidadoso trabalho de pesquisa histórica, o autor reproduz com apurado senso linguístico a sintaxe do português europeu. Os diálogos são afinadíssimos, vê-se a mestria de uma mão consciente da instrumentalização levada a cabo. A recriação de ambientes, e um quotidiano marcado por transformações sucessivas, o intuito é reflectir sobre o encontro de culturas que formaram um povo. No seu domínio, este autor opera com a mais salutar singularidade.

Contrário a tudo ao que foi exposto aqui, Vicente Cecim representa a tradição ficcional

transgressora, aquela que abole os limites e encarna valores revolucionários para produzir efeitos permanentes. Apesar de ser pouco divulgado no Brasil, é respeitado por uma fasquia da crítica que o compensou com dois dos principais prémios literários brasileiros, o prémio da Associação Paulista de Críticos de Arte. Com *Viagem a Andara* de 89, e *Silencioso como o Paraíso* de 95, Vicente Cecim condicionou uma forma de enfrentar os sistemas formais e os desafios da literatura, movido por um sentido transformador. Na linha de um Guimarães Rosa, de um Oswald de Andrade, o mergulho deste autor surpreende pela amplitude e a radicalidade que subjazem nas obras escritas até hoje.

Tem como ponto dinamizador um território metafórico de onde partem os raios de propagação: Andara é a Amazónia brasileira metaforizada como região fantasma onde os sonhos são exorcizados; por sua vez, a viagem é a própria literatura que se vê alvo de reformulações conceptuais. Como um rendilhado onírico compacto, Vicente Cecim destece o fio condutor da voz que relata os conteúdos das narrativas. Situadas entre os sonhos míticos e realidades insondáveis, as narrativas progridem sob o torpor alucinatório da linguagem. O autor adopta um tom a ladear o poético para narrar a vinda do militar que regressa da morte para que as pessoas beijem a sua mão, continuando a sua opressão; ou reduz ainda mais o andamento ao repetir os pensamentos e as inquirições do cego que espera a ave iluminada para que ele possa ver ainda mais. Índios loucos, a criança redentora, as naus negras que trazem a vida e a morte. O paraíso e o inferno deste autor parecem preparar uma escalada audaciosa para conquistar um espaço inimaginável. Através das palavras de Vicente Cecim, o homem e a literatura assumem a renovação a inaugurar o anúncio de novos mundos erguidos sob o poder da verdadeira criação.

Vicente Cecim representa a tradição ficcional transgressora, aquela que abole os limites e encarna valores revolucionários... Com *Viagem a Andara*, de 89, e *Silencioso como o Paraíso*, de 95, Vicente Cecim condicionou uma forma de enfrentar os sistemas formais e os desafios da literatura, movido por um sentido transformador.

